

Apresentação

O número 51 da *Revista Leitura* reúne estudos sobre a adaptação/transposição/tradução do texto literário para o cinema e a TV, com destaque para a forma como as representações de gênero vêm sendo trabalhadas nestes meios de comunicação. O objetivo central é mostrar, portanto, a partir das pesquisas realizadas, a problematização das diversas formas nas quais o texto literário tem chegado ao cinema e à televisão, possibilitando inúmeros diálogos.

Os ensaios selecionados para este número tratam da temática a partir de vários posicionamentos críticos de interface com a teoria do cinema, sem necessariamente privilegiar nenhum específico. A interdisciplinaridade foi, nesse sentido, o principal motor de norteamento dos diálogos propostos pelos artigos.

O corpo deste número de *Leitura* é composto por dez artigos, uma resenha crítica e um roteiro cinematográfico. Em *Capitu*: uma estética deliberadamente falsa, de Carolina Becker, a autora apresenta um breve ensaio sobre a minissérie *Capitu* (2008), dirigida por Fernando Carvalho para a Rede Globo. A adaptação/transcrição do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, revela uma poética única, com referências à ópera e ao teatro que desenvolve, nas imagens, um mosaico temporal e uma estética deliberadamente falsa. A autora conclui o ensaio apontando para uma percepção de que há uma “relação estilística muito afinada entre a poética de *Capitu* e a proposta estética machadiana”.

O artigo de Carla Alexandra Ferreira e Sandra Mônica do Nascimento intitulado “Aspectos relacionais da adaptação cinematográfica de *Jane Eyre* (2011)” apresenta um estudo da adaptação cinematográfica da obra de Charlotte Brontë, utilizando conceitos da Estética

da Recepção de Jans Robert Jauss, no qual se busca identificar um diálogo entre a adaptação cinematográfica e o texto fonte. Aponta para a relevância do estudo comparado entre a Literatura e o Cinema, suas diferentes linguagens, e do diálogo que pode advir daí.

“*O Guarani*: literatura e cinema – ficção em interlúdio”, de autoria de Margarida da Silva Corsi, averigua, a partir de constructos teóricos da Teoria da Literatura e da Teoria Crítica, em que medida a identidade nacional urdida pelo Romantismo de José de Alencar pôde ser retomada no filme “*O Guarani*” (1996), de Norma Bengell. A análise aponta para o filme como um caso de adaptação que estabelece uma relação de “submissão” ou “filiação” ao modelo alencariano.

Em “*Juno and the Paycock*: Hitchcock e a adaptação de um clássico do teatro irlandês”, Khayles Nobrega Pereira Alves e Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo tratam de uma adaptação hitchcockiana para o cinema da peça “*Juno and the Paycock*”, do irlandês Sean O’Casey, cujo sucesso de crítica na época – década de vinte do século passado - não teve a mesma recepção para a versão fílmica, desdenhada como “teatro filmado”. O artigo analisa como Hitchcock trabalhou na sua transposição do drama para a película, cujo resultado não produziu o efeito desejado, nem do ponto de vista fílmico nem relação à apresentação de personagens, “rebaixando o estatuto dramático das caracterizações femininas”, conforme as autoras.

Em “Le cinéma, vecteur privilegie du mythe de la *femme fatale*”, Luísa Assunção propõe uma reflexão sobre a representação da *femme fatale* e a sua transposição para as telas. O cinema, segundo a autora, tem tido o poder de tornar essa imagem simbólica em um dos seus personagens-simulacro mais férteis. O estudo trabalha com autores como Durand, Foucault e Serceau para mostrar a relação existente entre cinema e mito e apontar a revitalização do símbolo feita por esse meio. Isso mostra que a *femme fatale* tem sua imagem expandida na atriz que a personifica, gerando no espectador uma continuidade.

Verônica Braga Birello e Roselene de Fátima Coito analisam, no artigo “A interpretação e a tradução intersemiótica construindo uma ponte para a função autor”, originário de pesquisa de mestrado, como o tradutor ocupa a função autor ao traduzir entre mídias, debruçando-se sobre o livro *Howl's moving castle*, de Diana W. Jones, e a representação cinematográfica “Hauru no Ugokushiro”, do diretor Hayao Miyazaki. Para as autoras, livro e filme provocam leitores/as e espectadores/as a realizarem, em suas interpretações, o estabelecimento das diferenças e limites presentes cada meio.

O artigo “Leituras sobre uma personagem leitora: entre a literatura e cinema”, de Diogo Sousa e Eliana Kefalás de Oliveira, mostra um estudo da personagem leitora do romance *As horas*, de Michael Cunningham, atentando-se para os diálogos com o romance *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf, e a adaptação fílmica homônima dirigida por Stephen Daldry. O filme mostra uma apropriação de elementos da narrativa de Woolf, ao mesmo tempo em que promove um diálogo com ela, por exemplo, ao separar os acontecimentos entre personagem e autora.

“A trajetória da personagem no cinema de estrada: leitura de *Central do Brasil*”, de Ana Luiza Pereira Romanielo, propõe uma discussão acerca das experiências e transformações sofridas pela personagem Dora, tendo por base as características presentes nos romances de formação e nas narrativas de viagens (filmes de estrada ou *Road movies*). A análise aponta para a complexidade da personagem Dora, cujas características a revelam como alguém que pode ser a representação de um todo, possivelmente, a identidade de grande parte dos brasileiros.

Sávio Augusto Lopes da Silva Junior, em seu “A memória intertextual na adaptação de *On The Road*”, faz uma leitura bastante instigante acerca da tradução da memória intertextual em *On The Road*, de Jack Kerouac, para a linguagem cinematográfica. Na sua análise, o autor busca problematizar a noção de polifonia presente na

produção literária da Geração Beat e a forma como o cinema a trabalha. Autores como Robert Stam, Mikhail Bakhtin, Astrid Erll e Ansgar Nünning são trazidos para o debate teórico e uma das questões discutidas é a intertextualidade – memória intertextual - e como ela aparece na película dirigida pelo brasileiro Walter Salles, que “realiza um processo dialógico com a obra de Kerouac”.

Jerzui Mendes Torres Tomaz, Izabel Brandão e Almir Guilhermino analisam o romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), do escritor português José Saramago, transformado em filme pelo cineasta brasileiro Fernando Meirelles com o título de “Blindness” (2008), a partir de uma perspectiva crítica interdisciplinar, o que viabiliza uma leitura da tradução/transposição da narrativa ficcional para a narrativa fílmica. O estudo aponta para as conexões entre filme e romance e mostra que mesmo onde a diferença aparece, o foco é a criação.

A resenha crítica “Derretendo a flor impura”, de Roberto Sarmiento Lima, tematiza a coletânea poética *As horas da minha alegria*, de Izabel Brandão, publicada em 2013, pela editora Mulheres. A partir do significativo *flores*, o autor aponta para as marcas estilísticas inscritas no texto em questão e destaca o roteiro confessional presente na própria arquitetura textual que inclui, não sem razão, Minas, Esquinas, Mundo e Casa no exílio.

“Medeia das Dores”, roteiro inédito de Almir Guilhermino, propõe uma releitura da tragédia *Medeia*, de Eurípedes. O cenário é a contemporaneidade e as personagens clássicas traduzidas em ciganos, sem terra, políticos, trabalhadores - homens e mulheres - envolvidos em questões políticas e afetivas, conforme o mito estabelecido, mas também trazendo à tona problemas que a complexidade do tempo ainda não resolveu, como as questões de gênero apresentadas.

As/O organizador/as
Inverno de 2013